

Artesão de si, Artesão da História: edificação e  
ruína na obra de Capistrano de Abreu<sup>1</sup>  
“O Brasil está em formação ou em dissolução?”  
Capistrano de Abreu, 1911.

---

*Eduardo Ferraz Felipe*

**Resumo:** Este artigo analisa um dos aspectos menos enfatizados nas interpretações correntes sobre a obra de Capistrano de Abreu, nos últimos vinte anos de sua trajetória de vida: sua filiação à concepção de mundo do Romantismo, muito marcante na literatura e cultura brasileira da segunda metade do século XIX, e que ainda permeia a reflexão deste intelectual do início do novecentos. Na busca pelo cruzamento entre olhar científico e romantismo, recupera-se, de modo sumário, o roteiro de uma poética da ruína e seu vínculo com a própria visão de História em Capistrano, cuja figuração remonta a Goethe e a idéia de Bildung, neste momento da vida. Tais afinidades são indicadas através da leitura de sua correspondência e do recurso ao contraste com outros intelectuais em sua “automodelagem”.

7

---

<sup>1</sup> Este conjunto de reflexões fazem parte da sua dissertação de mestrado a ser defendida este ano, sob a orientação do professor Ricardo Benzaquen de Araújo.

**Palavras-chave:** Capistrano de Abreu. Ruína.  
“Automodelagem”. Correspondência. Bildung.

*Artisan of self, artisan of history: edification and ruin in the  
work of Capistrano de Abreu*

**Abstract:** *This article analyses one of the least emphasized aspects in the current interpretation of Capistrano de Abreu’s work, in the last twenty years of his life, his affiliation with the aesthetic trends and world views of Romanticism, remarkably present in Brazilian literature and culture during the second half of the nineteenth century and the beginning of twentieth century. In the quest for this way, we retrace briefly the travel road of a “poetics of ruins” and its close connection with the author’s vision of history and, closer to the author of Chapter’s of Colonial History, to Goethe and Bildung. Such affinities are pointed in some Capistrano de Abreu letter’s and his “self –fashioning”.*

**Keywords:** *Capistrano de Abreu. Ruin. “Self-fashioning”. Correspondence. Bildung.*

Em geral, muitos dos analistas que se detiveram na produção de Capistrano de Abreu lidaram com o tema abordando a noção de história, em sua obra, como produção de conhecimento. Tendo como questão e problema a escrita da história, refletiram sobre sua produção teórica pensando as

contribuições que o tornaram o representante, por excelência, de uma nova forma de estudo da história, qual seja, a da história moderna alicerçada na metodologia rankeana de estudo das fontes. Neste percurso, ao analisar a obra do polígrafo cearense, consideravam que a sua elaboração histórica foi calcada em um método científico capaz de dotar de veracidade e legitimidade as fontes utilizadas, passando, posteriormente, ao instante da narrativa.<sup>2</sup> Mas além da utilização das fontes, caberia ao historiador desvendar os motivos e as particularidades do período histórico que se propôs a analisar, ou seja, aquilo que lhe singularizaria como recorte temporal. Aqui, armou-se um dos tópicos fundamentais da contribuição de Capistrano para a historiografia brasileira: a instauração de um novo regime de escrita da história onde o aparato crítico utilizado para a validação das fontes cederia espaço para a coerência explicativa pautada em um determinado enredo. Os diferenciados fatos e causas deveriam ser coordenados através do estabelecimento de um sentido capaz de conferir inteligibilidade ao processo em geral.<sup>3</sup> Uma discussão acerca

---

<sup>2</sup> ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Ronda Noturna: Narrativa, Crítica e Verdade em Capistrano de Abreu. **Revista Estudos Históricos**, v.1. p.19.

<sup>3</sup> Aqui se torna muito útil caminhar colado às reflexões de Paul Ricoeur acerca da síntese do heterogêneo "a coordenação de acontecimentos múltiplos, seja entre causas, intenções e também acasos, numa mesma unidade de sentido" In: RICOEUR, Paul. **La Mémoire, l'Histoire, l'Oubli**, p. 312.

das noções de continuidade e ruptura através de categorias como duração e sucessão.<sup>4</sup>

De maneira diferenciada, há outro percurso para a análise da obra de Capistrano que opera um deslocamento com relação aos textos a serem analisados. Ao invés de se deter em seus tratados, ou seja, seus textos que pretendem ter uma argumentação formal e acabada, o tratamento é direcionado à correspondência do autor. Ao lidar com suas cartas e com seus diferenciados correspondentes, busca-se alcançar a resposta privada elaborada pelo autor frente à dificuldade da circulação das idéias, em um período onde a ausência de instituições e precariedade dos meios de impressão e editoras seriam limitantes de seus estudos. Capistrano é visto, neste tipo de interpretação, como aquele que nutriu um “gigantismo epistolar” frente ao impedimento que ocorria na esfera pública.<sup>5</sup> Ou então, seguindo um percurso diferenciado, são compreendidos aspectos de sua vida privada, através da troca epistolar com um correspondente específico, mas que possuem grande interface com a sua concepção de história e de suas imagens

---

<sup>4</sup> Esta necessidade de uma periodização da História do Brasil já está muito claramente expressa em seu “Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen” In: ABREU, Capistrano de. **Ensaio e Estudos** - 1º série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

<sup>5</sup> Esta interpretação está presente no livro AMED, Fernando. **As cartas de Capistrano de Abreu**. Sociabilidade e vida literária na belle époque carioca. São Paulo: Alameda 2006.

da nação; a troca epistolar entre Capistrano de Abreu e sua filha, Honorina de Abreu, é um exemplo particular deste caso<sup>6</sup>.

Não pretendo desenvolver, aqui, estes temas já cuidadosamente analisados por outros estudos. Desejo, ao contrário, enfatizar, uma outra polaridade que marca intensamente, a meu ver, toda a sua obra, e aparece de maneira melhor delineada em sua epistolografia: trata-se de um romantismo de base, que permeia sua produção teórica e está privilegiadamente disperso em suas missivas, sendo alimentado pela maneira que compreendia o presente da nação e por uma determinada compreensão do processo histórico. Polaridade esta que não é singularidade de Capistrano, mas que parece ser uma presença, pode-se ponderar em larga escala, nos autores do período que tinham, por particularidade, uma ligação com um dado romantismo e verticalizavam suas críticas aos rumos tomados pela nação no início do século XX.<sup>7</sup> Este cruzamento, proposto aqui, entre suas ilações acerca do estudo da história com suas ponderações acerca do cotidiano da nação, no alvorecer do século XX, muitas vezes comungam com a construção de imagens de profunda perplexidade e desconfiança acerca do possível futuro para esta nacionalidade nos trópicos. A rápida

---

<sup>6</sup> BUARQUE, Virgínia. **Escrita Singular**. Capistrano de Abreu e Madre Maria José. Museu do Ceará. Coleção Outras Histórias. nº 20, 1993.

<sup>7</sup> Uma interpretação acerca desta particularidade do período pode ser analisada através do bom artigo de HARDMAN, Francisco Foot. "Antigos Modernistas" In: NOVAES, Adauto (org). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

construção de instantâneos que questionam um conjunto de atributos, que por muitos séculos delineariam a imagem do Brasil, e no presente vivido pelo autor seria a expressão de imagens em choque, fruto da construção de paradoxos insuperáveis, geram interrogações que não encontram resolução. Como a própria pergunta acerca da formação ou dissolução – que serve de epígrafe para este artigo – a ausência de resposta parece ser a melhor forma de amplificar a força da pergunta, e fazer da pergunta o impasse que aguça a sua crítica fina.

A história, caminhando neste terreno, mostra-se como o suceder de empreendimentos que guardam a precocidade de seu declínio e certa desordem natural. O processo histórico, como o autor elabora nos *Capítulos de História Colonial*, bem ao modo da escrita da história do século XIX, se estabelece através de uma narrativa composta com um enredo muito bem delimitado - a superação do “transoceanismo” e o povoamento do território<sup>8</sup> - mas esta narrativa comunga, sempre, com múltiplos apontamentos e cortes na narrativa que demonstram a força dos juízos de valor de Capistrano de Abreu. Eles fazem com que, mesmo que o processo histórico avance, sempre (re)apresente um vício constitutivo, mas não inato, a ser demonstrado pela narrativa histórica: a “ausência

---

<sup>8</sup> PEREIRA, Daniel Mesquita. **Descobrimientos de Capistrano**: A história do Brasil “a grandes traços e largas malhas”. Rio de Janeiro: PUC, 2002. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2002.

de cooperação”. Com dirá nos *Capítulos de História Colonial* “O principal efeito dos fatores antropogeográficos foi dispensar a cooperação”.<sup>9</sup> Mas esta ausência de cooperação, não ocorrerá pelo distúrbio gerado pelo meio, apenas, mas será fruto, também, de uma determinada forma de ação diante do meio natural.

Por que insistiam os colonos em apossar-se de uma fazenda, cuja pouca valia a cada passo se devia patentear de modo menos equívoco? *Já sofriam de um achaque ainda hoje observado a todos os momentos entre seus descendentes: a incapacidade de formar convicção firme sobre um assunto e por ela pautar seus atos.*<sup>10</sup> [Grifo meu]

Será a “incapacidade” de “convicção” que irá gerar, ao longo de toda trajetória colonial, uma desordem que comunga com a ordenação gradativa que ocorre de maneira extremamente lenta ao longo de todo o processo histórico; e, além disso, fará com que os eventos dialoguem com o presente, principalmente, devido a sua possibilidade de disjunção. Não somente nesta imagem do passado, mas também nas imagens captadas do presente, há uma corrosão natural, amplificada pela possibilidade de fragmentação política, questão que rondava a construção de argumentos de toda esta geração. Capistrano considerava, assim, que estava

---

<sup>9</sup> ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História Colonial**. 6.ed. Rio de Janeiro, 1977.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p.53.

vivendo um período de *transição* onde o processo formativo da nação parecia ter chegado a um momento limite, onde o desconcerto e desordem que vivenciava nos anos iniciais da República seriam a expressão do inacabamento que caracterizaria sua trajetória histórica. Inacabamento este, diga-se mais uma vez, atrelado a certo clima de improviso, de desorganização que aguça, no leitor a sensação de que o conjunto de mudanças possui, sempre, um fundo comum que põe em xeque a validade das alterações de ordem política. Por isso, ao missivista Barão Rio Branco, dirá Capistrano

Recebi a sua última carta no dia 15 de Novembro! Vinha do campo de Santana impressionado, como pode imaginar, depois de ter visto uma revolução. E que revolução! Só há uma palavra que reproduz o que vi: empilhamento. Levantou-se uma brigada, chegaram os batalhões um a um, *sem coesão, sem atração, sem resolução* e foram-se encostando um a um como peixe na salga. Quando não havia mais batalhão ausente ou duvidoso, proclamou-se a República, sem que ninguém reagisse, sem que ninguém protestasse. No ponto em que as coisas estavam, era a única solução *razoável*. Antes uma Deodorada do que uma saldanhada. Todo o Brasil aderiu; apenas em Pernambuco José Mariano levantou um grito separatista que não ecoou.

Digam o que quiserem, a República é hoje pátria unida; a restauração seria secessão.<sup>11</sup> [Grifo meu]

Espantado, Abreu narrou a cena da queda do Império para o interlocutor Rio Branco. A ausência de resolução e coesão expressas deu o tom de improviso com que a República foi proclamada. Pode-se dizer que a República foi fruto da “simplicidade quase trágica”, conforme narrado por Ramalho Ortigão<sup>12</sup>, que surpreendeu também Capistrano. A substituição de revolução por “empilhamento” dotou suas ponderações de profunda apreensão, como se a mudança ocorrida simplesmente significasse pouco, uma simples alteração superficial incapaz de alterar profundamente o momento em que vivia. A mudança de regime foi fruto de uma inevitabilidade histórica, onde o evento posterior ocorreu após o primeiro ter exaurido suas forças. Apesar da unidade da pátria fechar a carta indicando um balanço positivo para o evento, o empilhamento deixa de significar uma pretensão de legalidade para as ações, sendo fruto muito mais da exaustão que o próprio tempo incide sobre o antigo regime, do que um ato de mudança capaz de propiciar uma cesura que poderia romper com vícios atávicos. A alteração institucional parece ser incapaz de conseguir a ruptura que desejava. Ocorreu

---

<sup>11</sup>ABREU, Capistrano de. Carta ao Barão de Rio Branco (25/01/1890). In: Abreu, J. C. **Correspondência**. v.1,p.128.

<sup>12</sup>Ramalho Ortigão narrando a queda do Império, em carta para Eduardo Prado, observou de forma aguçada “Para mim, o caso já estava a muito anunciado e previsto. A única coisa que me surpreendeu foi a simplicidade quase trágica com que se fizeram as coisas.” In: BERRIEL, Carlos Eduardo. **Tietê, Tejo, Sena**. A obra de Paulo Prado. São Paulo: Papirus, 2000 p.50.

apenas uma mudança instrumental, desconectada da possibilidade de gerar algum reflexo mais profundo no conjunto de hábitos e eventos.

Muito mais do que simples pessimismo ou sentimento particular de derrota, a carta acentua o caráter pendular e inconstante de uma trajetória histórica permeada por uma instabilidade constitutiva. Alguns intelectuais, entre eles Capistrano de Abreu, questionavam não a idéia de mudança histórica, mas seu caráter otimista. O futuro seria, seguindo neste percurso, um lugar duvidoso, incapaz de ser imediatamente verbalizado pela lógica do progresso.<sup>13</sup> Aos poucos, acentuando o seu caráter crítico e duvidando de maneira intensa da possibilidade de uma efetiva transformação política e social, Abreu opôs-se ao militarismo dos primeiros anos da República e à ordenação oligárquica subsequente, afirmando em carta a Pandiá Calógeras, datada de 1911

Creio que de perto suas impressões sobre as coisas não se modificaram. Há sobretudo um desbrío que aterra. Há uma voluptuosidade de lama, como não me lembro ter assistido a igual. Será a falta de vergonha promulgada por Roscher

---

<sup>13</sup> Como dirá Euclides da Cunha na reunião de ensaios póstumos *Um paraíso perdido*, “Vai-se de um a outro século na inaturável mesmice de renitentes tentativas abortadas” para uma análise específica desta questão, ver: HARDMAN, Francisco Foot. **Brutalidade Antiga**: sobre história e ruína em Euclides. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/iea/revista>> Acesso em: 1º mar. 2007.

para a geração que sucede a cada movimento revolucionário? Talvez coisa pior: já estamos no segundo decênio da grande crise, e ainda faltam os primeiros rubores da alvorada.<sup>14</sup>

No início desta mesma carta, Capistrano analisou a idéia de corrupção que assolava a primeira República: “Da reforma rivadavesca nada sei senão as nomeações feitas sem concurso. Há gente feliz. Curioso é como os felizardos tem feições comuns.”<sup>15</sup> E continuava, ao longo de toda missiva, refletindo acerca da coalizão que impediu a ruptura, e termina com o veredito: “E, mais curioso ainda: a união está fixa, irrevogável. Também os sabinos afeçoaram-se aos estupradores”.<sup>16</sup>

Esse conjunto de impressões não estaria restrito somente a sua epistolografia. Em artigo escrito em meados da década de vinte, a perspectiva temporal pela qual analisava o Segundo Império, nos possibilita uma série de pistas. Divididos em momentos específicos, o conjunto de experiências estaria articulado em um tempo biográfico onde nascimento e decrepitude marcam o início e o fim de uma determinada época; “fases” em que a elaboração do passado de uma experiência coletiva, o Brasil durante o Império, está

---

<sup>14</sup>Carta de Capistrano para Pandiá Calógeras (09/04/1911) In: ABREU, Capistrano de. **Correspondência de Capistrano de Abreu**. v.1 p. 375

<sup>15</sup>*Ibidem*.

<sup>16</sup>*Ibidem*.

associada ao ciclo de vida do próprio Imperador.<sup>17</sup> Apesar da jovialidade do Imperador ser associada ao decênio de 1850, o momento em que a coesão do Império é ressaltada, toda a periodização de um momento histórico diferenciado não foi capaz de romper com o eco do passado.

Agora, como então, um ponto sobrealça a todos: serão compatíveis com a *índole* brasileira eleições honestas? Nas municipalidades coloniais os vereadores andavam por meia dúzia, o mandato durava um ano, e não havia reeleição imediata, todo o ordenado se reduzia a magras propinas pagas em certas solenidades... e o governo teve de chamar a si as eleições. Câmara Coutinho Governador da Bahia em fins do século XVII escreveu que dos escândalos dos regulares só estavam imunes os padres da Companhia, por terem autoridades feitas nas margens do Tibre. As irmandades religiosas deixaram *tradição pouco edificante*.<sup>18</sup> [Grifo meu]

O brasileiro não tem caráter, tem “índole”. E avessa à metrificacão dos atos, incapaz de fazer com que o já cansado

---

<sup>17</sup> Esta perspectiva já havia sido observada por Ilmar Rohloff de Mattos. “a trajetória do reinado parece reproduzir o ciclo de uma vida, a do próprio Imperador, desde a menoridade até a decrepitude de tal modo que a década de 50 é considerada a mais brilhante do Império.” MATTOS, Ilmar Rohloff. Do Império à República. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro v. 2, n.4, p. 163 – 171, 1989.

<sup>18</sup> ABREU, Capistrano de. Fases do Segundo Império – Estudo publicado no Jornal (02/12/1925). In: **Ensaio e Estudos** – 3ª série, p.82.

pesquisador perceba a solidez que proporcionasse aquilo que mais lhe satisfaria: olhar para trás e perceber que avançamos. Das municipalidades coloniais guardamos a ausência de espírito comum e o excessivo particularismo que faz com que seus atos não possuam. Até mesmo a linearidade dos atos e fuga dos escândalos por parte daqueles que pertenciam a Companhia de Jesus não pôde fazer com que a edificação da nação chegasse até a completude.

A continuação do artigo sugere vínculos com o passado.

Hoje a fraude começa pelo alistamento eleitoral, prossegue pelo alistamento fosfórico do voto, quando não se prefere quebrá-la ou roubá-la pela apuração fraudulenta da urna, pelo viciamento de diplomas, pela entrega à comissão verificadora. A República trouxe uma novidade essencial: alguém que pode estar ou não no Catete superintende o reconhecimento de poderes, isto é, o direito ao subsídio e mais achegas: é o homem mais poderoso do Estado, é o Poder Moderador das instituições vigentes.<sup>19</sup>

Capistrano dialogava, mesmo que de maneira implícita, com Ernst Renan e seu texto “O que é uma nação”. Neste texto, publicado originalmente em 1880, Renan afirma: “Hoje em dia, comete-se erro ainda mais grave: confunde-se a raça

---

<sup>19</sup> *Idem*, p.82.

com a nação, e atribui-se a grupos etnográficos, ou melhor, linguísticos, uma soberania análoga à dos povos realmente existente.”<sup>20</sup> A nação para esse autor é um princípio espiritual, uma alma constituída de um rico legado de lembranças e esquecimentos em comum, e o desejo de viver juntos. Raça, língua, geografia e afinidade religiosa são incapazes de gerar este princípio espiritual. A nação é uma grande consciência moral constituída pela *vontade*. “As nações não são algo eterno. Elas começarão, elas acabarão.”<sup>21</sup> Este princípio espiritual seria o “sentimento nacional”, para Capistrano, a capacidade de agir guiado por um horizonte comum, conforme as afirmações dos *Capítulos de História Colonial* indicam. Desejo, consentimento e vontade seriam, desta maneira, os critérios formadores desse princípio espiritual.

Presente e passado são afinidades eletivas. Atraem-se de uma maneira muito particular e peculiar, como se aquela “ausência de cooperação” ainda estivesse presente. Além desta consideração presente em seu texto acabado, em sua correspondência Capistrano teceu considerações acerca do que deriva deste caráter precário das ações humanas. A instabilidade e o desconcerto da nação podem ser encontrados em um outro tipo de manifestação: a fragilidade e destruição gerada pelo encontro natureza *versus* Civilização.

---

<sup>20</sup> RENAN, Ernst. O que é uma Nação. In: ROUANET, Maria Helena (org). **Nacionalidade em questão**. Caderno de Pós-Letras, UERJ, Rio de Janeiro, p.13, 1994.

<sup>21</sup> *Idem*, p. 41.

Em carta a João Lúcio Azevedo, conta-lhe a respeito de uma viagem ocorrida acompanhada do Ministro da Viação e o Prefeito de Minas.

Passamos por Turvo, Lavras, Oliveira, Itapeirica, Divinópolis e Belo Horizonte. Não havia veículos, exceto em Lavras, onde existe uma linha de bondes, e de tantas cidades só apreciei o que é visível da estação ou do trem... Em geral não volto satisfeito de excursões ferroviárias. O traçado primitivo devia cortar plantações, mas hoje à beira das linhas apenas se avista uma vegetação que ainda *não teve tempo de virar capoeira*. Só em um ponto ou outro vêem-se cabeças de gado. Ainda mais aborrecem os cortes, que por baixo de uma *tênuê camada de terra aproveitável* mostram jazidas de rochas em grau variado de composição. Como isto quadra mal com as afirmações de Buckle<sup>22</sup> [Grifo meu]

21

E a imagem da natureza que guardaria exuberância e força cai por terra. A figura-símbolo do otimismo tecno-industrial do século XIX e início do XX, a locomotiva, causa devastação por onde passa, funcionando como agente do espetáculo de um desvelar: a terra infértil. Uma imagem que surge em um contexto que busca modos de refutá-la: uma

---

<sup>22</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio Azevedo 07/08/1918. In: ABREU. **Correspondência** v. 2 p.108

excursão ferroviária, feita em companhia solene, para conhecer o que de *mais íntimo* o país possui. Uma representação montada através da contradição entre ser e parecer, que guarda, em sua enunciação, a infertilidade como aquilo que de velado jaz sob o aparente. A terra fértil, vista mais de perto, é somente uma fina e rala camada. Uma tênue camada e só. A terra, basta observar, é estéril. Nada, além disso.

A fragilidade da Natureza diante das linhas férreas, “que já não cortam plantações”, gera a interrogação acerca do modelo de base histórica capaz de ordenar o contato Civilização e Natureza nos trópicos. A ação humana como aquilo que não foi capaz de gerar um empreendimento apto a possuir longevidade e servir ao propósito coletivo. Houve um amoldamento onde o que resulta, reiterando ações fortuitas, é “somente capoeira”. Ao observar de forma mais minuciosa a Natureza, estabelece, simultaneamente, uma metacrítica do progresso. Não se tratava de uma crítica da modernidade e dos males do crescimento por si mesmos, mas sim de uma crítica interna ao universo moderno que, com base em suas premissas, denunciava a realidade brasileira como uma farsa do avanço civilizatório.<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Segue-se aqui a problematização da noção de progresso e a devastação do mundo natural feita por Pádua. Ver PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição**. Rio de Janeiro: Relume, Dumará, 2002. Este lugar de especificidade nacional que a Natureza possui levam-nos a proximidade entre Capistrano e certa tradição do pensamento brasileiro que estabelece o vínculo entre esta instabilidade com a devastação do mundo natural.

Esta região, presente na passagem da carta anteriormente citada, é considerada Sertão para Capistrano de Abreu em seus *Capítulos de História Colonial*. Em sua narrativa o gado é o elemento coagulador que criou condições ao povoamento da região.

Além do sentimento de orgulho inspirado pela riqueza, pelo afastamento de autoridades eficazes, pela impunidade, a criação de gado teve um efeito, que repercutiu longamente. Graças a ela foi possível descobrir minas.<sup>24</sup>

Esse seria um dos elementos orquestradores da possível unidade que observava em estado nascente no povoamento do Sertão. Mas nesse mesmo Sertão, passados quatro séculos após “a corrente interior, mais volumosa e mais fertilizante”<sup>25</sup> iniciada de pontos apartados, aquele que seria um dos principais elementos coaguladores já não possui mais presença. No presente, a estrada de ferro que deveria atravessar as plantações apenas encontra uma rala vegetação. Antes que fosse possível observar a existência de uma nação que caminhasse nos traços lineares de um avanço progressivo, a carta passa uma forte sensação de perda. Como se algo que ainda não teve tempo de germinar, que ainda não se fortificou, já tivesse sido devassado.

---

<sup>24</sup> ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História Colonial**, p. 132.

<sup>25</sup> *Idem*, p. 98.

Enquanto forte imagem do presente, a continuidade desta mesma carta designa o quanto o futuro parece ser um espaço ainda não domesticado.

O *futuro* reserva ao Brasil futuro muito mais árduo que o dos holandeses, obrigados a *fazer* a Holanda depois de Deus ter feito o mundo. Um parente que esteve no Pará dizia-se capaz de pôr abaixo a árvore mais alterosa, sem ferramenta, só cavando com as mãos. Se assim fôr, pode chamar-se providencial a indústria extrativa, que é a sua *riqueza* e a sua *desgraça*.<sup>26</sup> [Grifo meu]

24

“Riqueza” e “desgraça”. Caminha-se da vida à morte em um segundo, na mesma velocidade em que se consegue “só cavando com as mãos” extrair a “árvore mais alterosa”. A expressividade do cenário montado em sua missiva funda-se na desolação da paisagem natural e humana, questionando o tom prometeico que a fertilidade natural poderia guardar através de uma imagem que tem, em seu cerne, a tonalidade de um envelhecimento precoce. Uma promessa de futuro que se dilui de forma instantânea ante o toque da Civilização. Tanto a natureza como a técnica são, ambas, personagens vacilantes de uma História sob o signo da ruína. Nas imagens compostas por Abreu, caminha-se entre a desgraça e a prosperidade, entre a degradação e a aspiração, através de

---

<sup>26</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio Azevedo 07/08/1918. In: **Correspondência**, v. 2, p.108.

imagens de cenários que reiteram a figuração da instabilidade e do desequilíbrio, caracterizando o chão movediço em que se funda a Nação. Antagonismo que permeia a ampla correspondência do autor e aprofunda a sensação de incerteza e volubilidade, gerando o paradoxo e, conseqüentemente, a dúvida acerca do futuro. E duvidoso, diga-se antes de mais nada, por que não consegue deixar de relembrar aquilo que de mais peculiar parece arruinar a busca da identidade histórico-cultural tão desejada: o retorno do passado. Um passado que relembra a dispersão tumultuária da desorganização da vontade – presente no período colonial – e aponta o futuro árduo “a fazer”.

Mas, ao mesmo tempo, há uma unidade antagônica que não gera superação, mantendo-se em tensão permanente. E, justamente esta tensão, reitera a incapacidade de acumular experiência, gerar estabilidade e avançar. Assim como a própria pergunta “formação ou dissolução?”, todo contrário, ao ser aproximado, aguça a possível sensação de decadência e a insistência de que o passado ainda permanece enquanto presença sensível. Ainda com uma colocação acerca da Natureza, Capistrano responderá indignado ao seu amigo português João Lúcio Azevedo

A mais fértil terra do mundo... Aonde? Não na Amazônia, aonde raspada uma camada de mateiro, bate-se na *esterilidade*. Nos outros

Estados é quase invariavelmente o mesmo. Produzimos coisas de luxo, de gozo; se nos bloqueassem deveras, a penúria nos levaria à *antropofagia*. E a gente? Os processos da Inquisição mostraram a borra-mãe, e as outras borras tem vindo superpondo-se, e de alto a baixo é borra e mais borra.<sup>27</sup> [Grifo meu]

Novamente a imagem da Natureza - enquanto terra infértil - é mobilizada. A contradição entre o ser e parecer apenas leva a revelar a esterilidade subjacente ao que é cantado como exuberante. Questionando a possibilidade de futuro e, além disso, a possibilidade de decair em antigas práticas do passado, associa Natureza e povo apenas pela infertilidade. No caso da Natureza, ela conjuga, em si, fertilidade e infertilidade como se não possuísse potencialidade, perdendo potência pela conjunção de opostos dentro de si e a possibilidade de, por isso, cair em tragédia. Uma história nada progressiva ou edificante, mas que se conjuga por imagens de corrosão e inacabamento. Virou ruína antes de ter se edificado.<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> Carta de Capistrano de Abreu para 13/01/1922. In: **Correspondência**, v.2, p.234, 1977.

<sup>28</sup> Francisco Foot Hardman havia observado esta particularidade na leitura de alguns autores do período. Ele cita Capistrano em suas considerações, mas usando argumentos particulares. Ver: HARDMAN, Francisco Foot. **Brutalidade Antiga**: sobre história e ruína em Euclides. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/iea/revista/>> Acesso em 1º mar. 2007. Ao longo de toda correspondência, a admiração de Capistrano por Euclides e por suas imagens de ruínas na Amazônia são freqüentes.

## NOTAS SOBRE UM ARTESANATO PESSOAL

Frente este referencial objetivo turbulento, Capistrano materializou em vida o ideal do intelectual avesso aos interesses mundanos, isolado e que investia em uma imagem diferenciada. Tanto em suas missivas para aqueles que considerava pares intelectuais, quanto para aqueles em que estava no papel de orientador, Abreu compunha um artesanato pessoal que investia em um comportamento sóbrio que exponenciava o seu labor: o estudo socialmente útil. Instante privilegiado que unia tanto a demarcação de um lugar social como seu conjunto de preocupações acerca da formação da nação, e, além disso, pode ser considerado como uma estratégia de intervenção na sociedade. Ao criticar outros intelectuais, ao fazer considerações acerca de sua vida pessoal, ao tecer uma crítica fina acerca dos rumos da nação, Capistrano escrevia e se inscrevia como aquele que era o detentor de uma dada maturidade intelectual.

Conforme as reflexões de Stephen Greenblatt sugerem, ao antropocentrismo renascentista se agregou, no século XVII, uma concepção artesanal de identidade humana, passando-se a tomá-la como um “artefato”, ou seja, como um domínio do homem sobre a natureza. Greenblatt, ao lidar com o período renascentista, analisa que por “automodelagem” deve-se compreender o artifício presente na constituição da identidade do sujeito, como uma específica

forma de investimento presente em difusas estruturas de significado, característicos modos de expressão e padrões narrativos recorrentes.

Auto-modelagem é a versão da renascença dos mecanismos de controle, a criação de um sistema cultural de significados que cria indivíduos singulares para governar a passagem do potencial abstrato para o histórico.<sup>29</sup>

Nesta senda, pode-se compreender por modelagem a construção de uma personalidade distinta, uma característica que endereça para o mundo, um modo mais consistente de perceber-se e comportar-se.<sup>30</sup> A modelagem é um investimento construído pelo próprio indivíduo visando uma intervenção no exterior, ao mesmo tempo em que define uma feição para si.

Cabe considerar que Greenblatt pondera acerca da atuação de Thomas More, inicialmente, em tempos inconstantes e incertos, na corte renascentista, onde estavam se remodelando as relações entre intelectualidade e poder. Tempo incertos que Capistrano também vivenciou e estão expressos, de maneira instigante, na pergunta acerca da formação ou dissolução. Conforme dirá o autor em carta enviada ao correspondente Mário de Alencar

---

<sup>29</sup>GREENBLATT, Stephen. **Renaissance self-fashioning**. From More to Shakespeare. Chicago & London, p. 3, 1980.

<sup>30</sup>*Idem*, p. 2.

Pretendo voltar à História do Brasil, mas sem gosto, como um boi que vai para o açougue. No prólogo de Fausto há um verso que sempre me comove: como Goethe, não terei o livro lido por aqueles que mais quisera. E, além disso, a questão terebrante: o povo brasileiro é um povo novo ou um povo decrépito? E os fatos idealizados pelo tempo valem mais que os passados atualmente?

Entre o “novo” e o “decrépito”, assim está o povo brasileiro posto em uma “questão terebrante”. Ao aglutinar o que ainda está crescendo e o que já está morrendo, gerou uma tensão, no leitor, pela impossibilidade de resposta derivada da pergunta. Esta pergunta, além da crítica direcionada ao espaço público, colocava em xeque a própria validade do conhecimento histórico, ampliando, naquele que a pronuncia, uma profunda sensação de dúvida. Esta sensação de incerteza não se remete simplesmente à desordem ou ao caos, mas ela se caracteriza como *instável*. Embora a diferença de sentido entre instabilidade e desordem seja sutil, ela propicia associações em direções opostas. Enquanto nas imagens da desordem ou da confusão a perda da ordem afeta, supostamente, apenas o mundo objetivo, não se pode imaginar, nas imagens da instabilidade, um solo instável que também não tivesse um impacto sobre a visão do observador. Ou seja, a pergunta acerca da “formação ou dissolução” é

uma forma de descrever o impacto do conjunto de mudanças políticas em sua percepção do mundo.

Cabe lembrar que, no início do período republicano, predominava a idéia de que uma verdadeira conquista do território somente poderia ocorrer através de seu conhecimento científico. Nessa ambiência, o estudo e o ensino da história tornaram-se uma necessidade estratégica enquanto elementos que fundamentam um conjunto coerente de referências a serem compartilhadas. A história conquistou lugar como espaço socialmente necessário por ser capaz de fornecer as bases para uma pedagogia cívica no processo de consolidação do Estado-Nação. Era preciso estabelecer uma versão consensual sobre o passado capaz de fundamentar o modelo nacional-republicano.<sup>31</sup>

Neste sentido, a dúvida acerca da possibilidade da História construir um conjunto coerente de referências a serem compartilhadas – presente na multiplicidade de perguntas feitas por Abreu – sinalizava a existência de um sentimento de insegurança relacionado com a situação política do Brasil, e, através da pergunta, o questionamento do valor de sua própria análise. Este parece ser um importante eixo organizador das ponderações feitas pelo historiador Capistrano. Fragilidade das instituições, ausência de compromisso com a longevidade de suas ações e

---

<sup>31</sup>Sobre este ponto Ver: GOMES, Ângela de Castro. *Através do Brasil: o território e o seu povo*. In: PANDOLFI, Dulce Chaves; ALBERTI, Verena (Orgs). **A República no Brasil**. Nova Fronteira, 2002.

incapacidade de deixar algum legado para as gerações futuras; torna-se difícil pensar, desta maneira, que esta experiência coletiva fosse capaz de romper com certa permanência que ecoa de suas palavras. Desta maneira, a questão “terebrante” levantada não recebe uma resposta, termina em impasse, expressão da frustração quanto à possibilidade de intervir na realidade daquela República.

Será diante deste referencial objetivo que Capistrano irá delinear uma específica “auto-modelagem”. Esta seria alimentada por um olhar que tinha fundamento em uma estética romântica, que dialogava com o olhar trágico – conforme as imagens da ruína indicam – e que tinha como uma noção de fundo a idéia de autenticidade e formação. O argumento presente, de uma forma geral, em suas epístolas, para caracterizar sua figuração de si, é o da autenticidade. Dimensionando-se na camada mais recôndita capaz de ser perscrutada e acessada, ela se refere menos ao relacionamento tecido com o outro, mas àquilo que realmente somos, apesar das diferenciadas maneiras como construímos diferenciados papéis nas interações sociais. Uma unidade livre e autônoma frente à ampla totalidade de eventos que se sucedem em um plano mais geral.<sup>32</sup> O critério valorativo que Capistrano adotou com relação a uma determinada maneira

---

<sup>32</sup>A noção de autenticidade aqui seguida vem influenciada pelo artigo de GONÇALVES, José Reginaldo. Autenticidade, Memória e Ideologias Nacionais: O problema dos patrimônios culturais. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 264-275, 1988.

de compreensão do mundo teve por princípio esta autenticidade, enquanto expressão cultural que se caracterizava por ser espiritualmente harmoniosa, interna ao indivíduo, desvinculada do grau de sofisticação social e material.<sup>33</sup>

Vale destacar que a autenticidade inclui, ou tematiza, certa unidade entre o lado espiritual/intelectual e o lado corporal. Daí sua insistência no concreto, ou seja, o corporal, o individual. A imagem descrita por Capistrano de Abreu no necrológio de José de Alencar tem como o alicerce do seu argumento esta convergência entre interior e exterior capaz de manter a constância nas idéias e de não se submeter ao que havia de artificial nos cumprimentos e frivolidades.<sup>34</sup> Neste percurso, há a convergência deste comportamento frente ao cotidiano com o que parece ser sua compreensão de individualidade. Apesar do gosto de conviver com os amigos, das viagens e reuniões, Capistrano, ao refletir sobre a existência, aponta:

---

<sup>33</sup>Aqui a reflexão se apóia na compreensão de Trilling acerca da diferença entre sinceridade e autenticidade, indicando que ambas surgem no mundo moderno, mas que também a autenticidade substitui a sinceridade como elemento central na visão de mundo individualista. Enquanto a noção de sinceridade é pública e social, e corresponde a uma demanda do grupo e não do indivíduo, a autenticidade relaciona-se a um verdadeiro *self*, uma verdade interior. In: TRILLING, Lionel. **Sincerity and Autenticity**. Cambridge: Harvard University Press, 1971.

<sup>34</sup>A autenticidade também já foi explorada por um outro percurso que a associa com o vínculo com o o romantismo pela visão trágica do mundo, pautada, sobretudo, na idéia de contradição entre os valores e a realidade. Esse ponto é explorado em LÖWY, Michel. **Revolta e melancolia**: romantismo na contramão da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1995.

Amigos, conversas, passeios, livros, tudo passa e tudo é vão: quem afinal fica reduzido a si próprio é que vê a realidade e conhece como tudo é insuficiente. *Is life worth living?* [vale a pena viver?].<sup>35</sup>

Esta individualidade, que investia no fato de estar “reduzido a si próprio”, esteve ligada a um tipo de comportamento, levando a um outro elemento acerca da forma como Capistrano modelava a sua personalidade. O cumprimento das obrigações, o controle das paixões, o autocontrole racional estiveram intimamente ligados ao ideal de formação, presente em suas cartas e sugestões aos correspondentes. A recorrência da citação de Goethe em suas cartas foi sugestiva neste ponto, pois serviu de referencial constante para uma determinada postura seguida pelo polígrafo cearense. Seus livros ocupavam um lugar de destaque em suas indicações para outros missivistas, como, por exemplo, nas cartas a Mário de Alencar e Paulo Prado, onde afirmava múltiplas vezes a necessidade de “obrar segundo o pensamento”, afirmações derivadas de suas leituras dos livros do autor alemão, principalmente de seu *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*.

O ponto central deste livro do autor de *Fausto*, também lido por Capistrano, estava na relação estabelecida entre a

---

<sup>35</sup> Carta a Joaquina “Kiki” de Assis Brasil 03/06/1919. In: ABREU. **Correspondência de Capistrano de Abreu**, v.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.71.

formação humanista da personalidade e o mundo. O livro trata da lenta formação do protagonista em seu início e trajetória em direção a um grau determinado de compreensão. Uma maturação que ocorreu ao longo da vida e possibilitou ao personagem alcançar o momento em que o sujeito apresentava-se como acabado. A realização dos ideais humanistas é não só o parâmetro de julgamento dos outros personagens da trama, como também o ponto de fuga que permite alinhar de maneira específica todos os critérios de ação do romance. Quando, em *Os Anos de Aprendizado*, o herói decidiu finalmente entrar para o teatro, formula a questão da seguinte maneira: “De que me serve fabricar um bom ferro se meu interior está cheio de escórias? E de que me serve também colocar em ordem uma propriedade rural, se comigo mesmo me desavim?”<sup>36</sup>

Há uma passagem fundamental em que Wilhelm, após gradualmente tecer relações de maior proximidade com o filho com que pouco teve contato, gradativamente muda sua forma de observação do mundo. O mundo deixa de apresentar sua face em desorganização – seu caráter de “edifício” que “erguido às pressas se deteriora antes de o deixarmos” – e passa a ganhar estabilidade – e “tudo que estabelecesse devia durar por várias gerações” pelo conjunto de investimentos que “pensava plantar” e “crescer” de encontro

---

<sup>36</sup> GOETHE, Joham Wolfgham Von. **Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister**. 2. Ed. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 357.

ao filho. “Nesse sentido, haviam chegado ao fim seus anos de aprendizado e com o sentimento de pai havia adquirido também todas as virtudes de cidadão.”<sup>37</sup> Como dirá Georg Lukacs, em um ensaio de 1936, “O teatro, e a poesia romântica ao longo do livro, são apenas meios para a expansão da personalidade humana.”<sup>38</sup> Esses diferenciados meios propiciarão a edificação daquilo que é singular.

Será neste sentido edificador que Capistrano irá recomendar a Mário de Alencar a leitura de um artigo do *The Nation*:

Se a câmara ainda recebe o *The Nation*, chamo sua atenção sobre um artigo do semestre passado, relativo a duas célebres quadrinhas de Goethe no *Wilh[elm] Meister*. O sentido é quem nunca comeu seu pão com lágrimas e passou as noites chorando sem dormir, não conhece os poderes celestiais, que atiram a criatura no mundo, fazem-na pecar, deixam-na entregue a si, porque tudo se expia nesse mundo...<sup>39</sup>

Comer “pão com lágrimas” e passar as noites “chorando sem dormir” é a condição para que o sujeito se compreenda enquanto personalidade diferenciada dos outros,

---

<sup>37</sup> *Idem*, p. 502.

<sup>38</sup> LUKACS, Georg. Os Anos de aprendizado de Wilhelm Meister (1936). In: GOETHE, *Op. cit.*, p. 658.

<sup>39</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar 15/09/1915. In: **Correspondência de Capistrano de Abreu**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p.243.

uma criatura atirada, “entregue a si”. Formar-se: o homem se faz no mundo, pois o que se “expia nesse mundo” é o que possibilita o desenvolvimento da personalidade. Incorporando as reflexões de Harvey Goldmann acerca do romance de formação goethiano, o autor observa que o conceito de personalidade é central e crucial para a composição da *Bildung* e que não há outra palavra que pode ser mais característica a ela. Personalidade é um elemento fundamental do *self*, neste caso. *Bildung* implica a suprema ênfase nas tendências do coração. Ela faz com que o homem busque uma elevação espiritual e refino emocional, individualização mental e perfeição moral.<sup>40</sup>

Esta perfectibilidade a ser alcançada pelo indivíduo, que se forma a partir de um desenvolvimento individual em relação estreita assumida com a ambiência cultural<sup>41</sup>, estava presente principalmente em frases do *Wilhelm Meister* de Goethe que foram utilizadas por Capistrano, conforme a troca epistolar com Mário de Alencar e Paulo Prado indica. Como Abreu diria diversas vezes tanto para Paulo Prado como para Mário de Alencar, “obrar é fácil, pensar é difícil, obrar segundo

---

<sup>40</sup> GOLDMAN, Harvey. **Politics, Death and the Devil**: self and power in Max Weber and Thomas Mann. University of California Press, 1992. p. 27.

<sup>41</sup> “O Conceito fundamental de *Bildung* significa formar a alma por meio do ambiente cultural. O conceito de *Bildung* requer uma individualidade que, como ponto de partida único, deve desenvolver-se numa personalidade formada ou saturada de valor.” In: RINGER, Fritz K. **O Declínio dos Mandarins alemães**. São Paulo: Edusp, 2000. p. 95.

o pensamento é mais difícil ainda.”<sup>42</sup> A busca pela sincronia entre pensamento e ação é tópica do romance de formação.

Ainda neste ponto, mas caminhando para um outro terreno, conforme observou Gadamer, “o ideal de formação... talvez seja a grande idéia do século XVIII.” Ao refletir acerca deste conceito, observa o estrito vínculo entre formação e universalidade:

A formação como elevação à universalidade é uma tarefa humana. Exige um sacrifício do que é particular em favor do que é universal. O sacrifício do particular, porém, significa a inibição da cobiça, e com isso, liberdade de seu objeto e liberdade para a sua objetividade.<sup>43</sup>

A formação intelectual de Capistrano compreendia formação cultural não como imitação, mas como participação criativa, como a capacidade do indivíduo de completar sua própria formação. Um crescente aprimoramento de cada indivíduo que conduzia à autoconsciência no plano individual; e que, no plano coletivo, implicaria a constituição de uma humanidade qualificada pela cultura.<sup>44</sup> A tônica é como formar-se a partir da vivência.

---

<sup>42</sup> Carta de Capistrano para Paulo Prado 15/02/1925 esta frase seria repetida para uma série de outros missivistas ao longo de toda a sua correspondência.

<sup>43</sup> GADAMER, Hans-George. **Verdade e Método**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1995.

<sup>44</sup> “O Termo *Weltanschauung* é costumeiramente traduzido por visão de mundo ou concepção integral de mundo”, mas o termo chegou a significar mais que isso. Ele não se referia apenas ao entendimento total e sistemático da realidade ou uma ênfase metafísica distinta da meramente “epistemológica”.

Retornando ao romance goethiano, Wilhelm é a expressão de uma individualidade plural, a narrativa de uma vida que está organicamente atrelada aos outros personagens dispostos na trama. Os diferentes conflitos, choques e divergências existentes não geram ruptura ou separação, mas servem de passo para a coerência final da obra. A expressão mais acabada do homem inteiro, no sentido de *Os anos de Aprendizagem*, é a forma adequada para uma dupla reflexão: o indivíduo batalhando concretamente na vida e espelhando em si um mundo inteiro. O romance é a efetivação desta tensão e saber em uma forma que é diferente em cada indivíduo.

Esta idéia de um indivíduo capaz de alcançar o próprio de sua singularidade, através de um processo de formação, está muito próxima à idéia de cultura caracterizada por Simmel no momento em que constatava seu desaparecimento no contexto da modernidade européia. No texto chamado “Subjective Culture”<sup>45</sup>, o autor descreve o ideal de perfectibilidade ao qual estava ligada a tradição romântica alemã. A relação entre a interioridade de uma entidade individualizada e um agente cultural externo ocorre a favor do aperfeiçoamento das qualidades inerentes ao primeiro. Nessa

---

Também aconselhava uma síntese pessoal das observações e juízos de valor, na qual os objetivos do indivíduo estariam relacionados com seu entendimento do universo In: RINGER, Fritz K. **O Declínio dos Mandarins alemães**. São Paulo: Edusp, 2000. p. 110.

<sup>45</sup> SIMMEL, George. Subjective Culture. In: **On Individuality and Social Forms**. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.

perspectiva, cultura era entendida como “cultivo”, o desenvolvimento daquilo que já existia em sua própria individualidade.

Este detalhamento da noção de cultivo nos permite compreender em que se baseia a noção de expansão de vida interior que Capistrano parecia mobilizar. Em uma carta, após suspeitar do lançamento de Mário de um livro de bolso que poderia não arrecadar cifras de vendagem, Abreu, de maneira incisiva, apontava ao amigo escritor:

Quase quinze anos Você tem sacrificado a seu pai: tome agora dez anos para si; depois, com a experiência e o saber adquirido neste prazo, torne a seu antigo culto, porque o perigo do epigonato estará acabado, e poderá cumprir o seu dever com uma superioridade que você tem-se condenado a não adquirir, se persistir na atmosfera do herói de Encarnação. Não é isto idéia de momento, há muito penso assim, mais de uma vez tenho lhe dado a entender, desde que se oferece hoje a ocasião, expondo-lhe logo de uma vez sem ferrolhos todo o meu pensamento.<sup>46</sup>

Pertencer a uma atmosfera que não é a sua, eis o equívoco. O “condenado” Mário de Alencar insiste em não alcançar aquilo que lhe é próprio – sua “superioridade” – por

---

<sup>46</sup>Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar 14/12/1891. In: **Correspondência de Capistrano de Abreu**. v.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 208.

ainda estar preso ao exemplo dado pelo passado. Ao longo das cartas enviadas para este interlocutor, há a construção de um diálogo que, além de possuir um caráter pedagógico, cada vez mais caracteriza um mergulho intimista do próprio Capistrano. Em outras palavras, une o inautêntico que visualizava em outro intelectual com a expansão que buscava para si mesmo. Em carta a Luís Sombra, ao tratar da entrada de sua filha para o Convento das Carmelitas, Abreu – apesar de toda dor causada pela escolha da filha de um projeto radicalmente diferente do seu – afirmou que ela teria seguido o único caminho possível para a sua felicidade: “obedecer aos ditames da consciência, principalmente com sacrifícios.”<sup>47</sup>

A noção de autenticidade carrega, junto a si, a noção de vocação. Ainda dialogando com as cartas que tratam do tema da entrada da filha para o convento, dirá Capistrano, em outra carta endereçada a Mario de Alencar:

A 30 uma carta de Honorina, datada da véspera, comunicou-me a resolução de entrar já para o convento. Só a 2 pude ter com ela uma conversação íntima e perfeitamente inútil. Mesmo se pudesse, nunca me oporia a que seguisse a sua vocação; pedi-lhe apenas que adiasse a separação enquanto a vó estivesse viva.<sup>48</sup>

---

<sup>47</sup>Carta a Luis Sombra de 31/12/1910. In: **Correspondência de Capistrano de Abreu**. v.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 22.

<sup>48</sup>Carta de Capistrano para Mário de Alencar 28/12/1909. In: **Correspondência de Capistrano de Abreu**. v.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 213.

“Tenho querido ser psicólogo”. Assim caracterizaria Abreu, na continuação da carta, a função que gostaria de exercer para aplinar a sua dor. Com dor e amor unidos no peito, Capistrano continuaria dialogando com Mário, através das missivas, sobre a “crise” religiosa da filha, “em nossa longa conversação sondei-lhe bem a alma, depois meditei bem sobre tudo, deixando de parte o sentimento e convenci-me de que sua resolução havia sido a mais acertada.”<sup>49</sup> Apesar da junção de sentimentos múltiplos, a vocação ainda seria considerada o caminho a ser seguido.

Esta ênfase no autêntico leva a outra questão acerca do caráter acusador de muitas das afirmações de Abreu. Conforme afirma Virgínia Buarque, a personificação de elementos simbólicos promovida pela sua filha e, posteriormente, Madre Maria José seriam os elementos principais do distanciamento entre ambos.<sup>50</sup> Observa a autora que através da troca epistolar, a filha buscou não somente sociabilizar suas práticas e dar sentido às mesmas, como também as tornou instrumento de um apostolado letrado, visando obter a conversão do pai à fé católica. Enquanto a Madre constituía sua biografia espelhando-se em padrões hagiográficos femininos, Capistrano, por sua vez, não se espelhava em nenhum modelo previamente estabelecido.<sup>51</sup> A

---

<sup>49</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>50</sup> BUARQUE, Virgínia. Cartas do Claustro. **Trajetos**. Revista de história da UFC Dossiê: Capistrano de Abreu. Ceará. v.3 n.5, p.137-145, 2004.

<sup>51</sup> BUARQUE, Virgínia. **Escrita Singular**. Capistrano de Abreu e Madre Maria José Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria de Cultura, 2003.

possibilidade de se rascunhar de maneira similar a qualquer Outro era a expressão inautêntica de uma forma de vida que se compreendia em assimetria entre interior e exterior. Independente de qual fosse sua leitura, nenhum padrão, seja existencial, teórico ou filosófico seria capaz de servir de modelo para Abreu.

A escrita das cartas e a produção de um desenho de si que visasse ao distanciamento do que considerava a completa desorganização da vontade no espaço público – seja regido por múltiplas turbulências, seja por votações que não seguissem nenhuma relação de dignidade – era a expressão da tentativa de compreender-se de forma diferenciada, o que permite visualizar como sua pintura de si foi rascunhada em contraposição a outros intelectuais. Em cartas para vários correspondentes, verticalizava suas críticas ao caráter retórico da ação destes intelectuais e repetia um ditado captado de Tobias Barreto, que dizia que “no Brasil come-se em francês e se arrota em alemão.”<sup>52</sup>

Nas considerações de Capistrano, a vida política era deprimente e repetitiva. Diante de um certo grupo de intelectuais, suas afirmações ganhavam, cada vez mais, a sonoridade da busca por autenticidade. Diante de um presente só-superfície, a composição de uma identidade pautada por valores morais fixos e que seguisse ações de

---

<sup>52</sup> Carta para Paulo Prado 16/12/1925. In: **Correspondência de Capistrano de Abreu**. v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 305.

forma coerente, seria a única possibilidade de atrelar a seus atos uma dada postura ética. Seu desenho de si e sua percepção do país estavam em profunda assimetria, fazendo com que a sua imagem de outros intelectuais fosse condicionada por esta maneira de apreensão.

Entra-se, assim, no terreno de suas acusações acerca da noção de cópia. Seu principal alvo foi Joaquim Nabuco. Mais do que uma comparação que vise aproximar para definir diferenças, Nabuco foi presença constante em suas cartas, tornando-se, como pode ser claramente observado em suas cartas enviadas para João Lúcio Azevedo, parte constitutiva de sua “automodelagem”, assim como Rui Barbosa também o seria. Uma imagem invertida que se tornou parte constitutiva de seu próprio desenho.

Mando agora a *Minha Formação* de Joaquim Nabuco. Se já a conhece, passe adiante. Minhas relações com ele foram poucas. Alguns dias depois de 15 de Novembro, pegou-me na rua e, todo vibrante de indignação, expôs-me o seu monarquismo, graças a São Bagehot. Um capítulo sobre os Estados Unidos é digno de toda atenção. Quanto ao abolicionismo acho uma decepção. Quem o ler pensa que fez tudo: enquanto Patrocínio e Rui e outros batiam-se, estava na Inglaterra. Bonito homem, ainda ficou mais apolíneo quando encaneceu, conservando a tez de

moço. Quando soube de sua nomeação para os Estados Unidos, disse a um pernambucano como ele: é branco, é bonito, é instruído; é a pessoa mais própria para dar uma falsa idéia do Brasil: não podia ser melhor a nomeação.<sup>53</sup>

Mesmo em se tratando de uma figura de grande aceitação pública, e que teve o seu nome relacionado à campanha de abolição, o Nabuco de Capistrano viveria de uma falsa imagem. Capitalizou para si uma luta para a qual nem sequer estava presente, visto que estava na Inglaterra. A mesma falácia se encontrava desenhada na sua escolha como representante brasileiro nos Estados Unidos. O que mais parece incomodar Abreu é a existência de uma vida que se estiliza de forma perfeita e acabada, rigidamente enquadrada pelas regras de etiqueta e, desta maneira, instalada em uma dimensão distante de qualquer espontaneidade e vontade humanas. Através da imagem do político pernambucano, presentificava-se uma característica do procedimento brasileiro, ou seja, viver das aparências e passar a idéia de ser um país viável. Nabuco é aquilo que o Brasil, seu povo, sua nação não era: branco, bonito, instruído.

Reiterava-se, nesta imagem, um embate entre artificialidade e autenticidade. A artificialidade não é propriamente a desordem em si, mas a reconfiguração de

---

<sup>53</sup>Carta para João Lúcio Azevedo 11/02/1920. In: **Correspondência de Capistrano de Abreu**. v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 146-147.

seus elementos em histórias e tramas que são percebidas como não-naturais. Ela pressupõe a distinção entre a solidez de uma profundidade e a leveza de uma superfície – um binarismo que corresponde à distinção entre um significado (profundidade) e as formas de sua expressão (superfície).<sup>54</sup> Tanto a autenticidade quanto a artificialidade se referem a uma relação entre forma e conteúdo, interior e exterior, onde, no caso de Capistrano, a opção por uma delas se fundamenta na crítica veemente a outra; uma escrita de si que tem como artifício o contraste com uma outra identidade que indique uma caracterização oposta. Ou seja, Capistrano, em suas observações, sustenta a complementaridade entre a expressão física e o conjunto dos atos do indivíduo como a marca daquilo que lhe é particular.

A assimetria entre forma e conteúdo, que teria em Nabuco seu principal exemplo, devido à assimilação dos valores franceses, seria a expressão da excessiva retórica que impregnava os ares deste intelectual-vitrine. Seu contato estreito com a Europa, muitas vezes definido pelo deslumbramento e por afirmações de descaracterização dos trópicos, tornava Nabuco o exemplar, por excelência, de um grupo de intelectuais que havia sucumbido ao desejo de tornar-se como o outro. Nesse caso, a Europa como desejo e os Estados Unidos como projeto político. Permite-nos afirmar

---

<sup>54</sup> Grande parte deste desenvolvimento acerca da noção de artificialidade encontra-se em GUMBRECHT, Hans Ulrich. **1926. Vivendo no limite do Tempo**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

que ele personificaria a expressão daquilo que ainda não havia sido superado, ao longo de muitos séculos, na História do Brasil e expresso em seus *Capítulos de História Colonial*: o sentimento de inferioridade do colono. Se em sua elaboração histórica houve a superação da inferioridade ante ao reinol, estava posta em dúvida a possibilidade de superação da inferioridade frente ao europeu pelo esquecimento de uma dada tradição e especificidade do brasileiro.

Aos olhos de Abreu, a fisionomia européia deste Outro intelectual possui um caráter mimético, ressentido, que guardava velado o desejo de ser como o Outro. O Nabuco de Capistrano seria a expressão da excessiva valorização de uma norma estética fundada na aceitabilidade do padrão europeu de conduta. Uma padronização que teria como fim a reprodução formal de uma série de elementos incapazes de propor algum tipo de resposta às contradições de uma modernização em curso no alvorecer daquele século XX, em terras brasileiras. Sempre o mais do mesmo, a recorrência, a reprodutibilidade e, pior, a aceitação. O mergulho em um clima do mais completo *artificialismo*.

Rui Barbosa também seria alvo de suas acusações. Contrapondo ilustração e rusticidade, Abreu contrasta Hermes e Rui, sem aderir a nenhum dos dois, mas caracterizando a “poliandria de idéias” como um vício que perdura em seu presente.

Dizem que Hermes não está preparado porque não é ilustrado. De que serve a ilustração, se, como no caso de Rui, apenas faculta a poligamia e a poliandria de idéias? Creio bem eu se tivesse o nariz carregado de um a outro extremo de lentes e óculos combinados, eu poderia enxergar; mas deve-se lastimar quem vê com os próprios olhos e dispensa artifício? Rui é um suntuoso banheiro de mármore, de água encanada, com duas torneiras, uma de água quente, outra de água fria, à vontade do freguês. De muito boa vontade troco-o pela cachoeira tosca da Gávea, e não peço compensação.

47

Exterior e interior em assincronia, “artifício” como perversão. Rui Barbosa como um exemplar de intelectual incapaz de seguir um caminho linear, seguir os “ditames da consciência”; a expressão de uma figura duvidosa, a personificação de um “suntuoso banheiro de mármore”. Como possui “duas torneiras”, é incapaz de manter sua própria vocação, permanece “à vontade do freguês” com água quente e fria, conforme necessitarem as circunstâncias. A adequação e a ausência de vontade frente às contingências do âmbito político são os fundamentos desta crítica, de veio moral, que Abreu direciona ao outro intelectual.

Como forma de questionar esta postura intelectual e seu direcionamento político, Capistrano utilizava a imagem de

outro intelectual como exemplo de retidão: Eduardo Prado. Como dirá Capistrano, em carta a Domício Gama, “o manual do Itamarati deve ser a *Ilusão Americana*. Tem um? Deve ter, mas é o livro de um homem.” [Grifo do autor]<sup>55</sup> Em seu *A Ilusão Americana*, Eduardo Prado afirmava a identidade nacional pela negação do exemplo norte-americano, apresentando a contraposição entre duas Américas: a América do espírito e a América da força. O intuito explícito era a crítica à instituição da República no Brasil. A antipatia em relação à república norte-americana, que seria vista como em constante guerra pela expansão dos sindicatos e pela expansão imperialista, era uma crítica à República dos militares.<sup>56</sup>

O que Eduardo Prado via na República era o desenfreado apetite individual que corrompia todos os valores, o particularismo contraposto ao domínio público, as soluções individuais em prejuízo do bem geral. O autor sugere um futuro em que os sindicatos lutariam contra a burguesia capitalista, fazendo com que os milionários se retirassem para a Europa. Numa outra opção, estes milionários estariam organizando os “Pinkertons” que seriam tipos de capangas “armados de revólveres e carabinas” que teriam a função

---

<sup>55</sup> Carta de Capistrano para Domício Gama (11/11/1916). In: **Correspondência de Capistrano de Abreu**. v.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p 262.

<sup>56</sup> PRADO, Eduardo. **A Ilusão Americana**. 5.ed. São Paulo: IBRASA, 1980. p. 17-30.

imediate de “reprimir os operários revoltados”.<sup>57</sup> O milionário que ao longo da história utilizou a corrupção como forma de atingir seus objetivos, agora utilizava a organização militar. Mas todos os intentos terminavam decaindo e chegando ao mesmo desaguar. “Em todo o caso o resultado é o mesmo, porque quer tenha que ser servidor dos financeiros, quer tenha que ser instrumento dos militares, o homem público perde, com sua dignidade, a sua independência.”<sup>58</sup> O particularismo criava uma situação de corrupção na qual o governo de uns sobre os outros levaria à decadência. A idéia que permeia o pensamento de Eduardo Prado seria a de que o país praticava uma opção política deslocada, por imitação e moda, e que o motor de tal prática era o motor desfibrado do brasileiro. Em sua *Ilusão*, a noção de cópia, como aquilo que permeia o pensamento nacional, entra na composição de sua crítica à aproximação do Brasil ao modelo norte-americano: “Copiemos, Copiemos, pensam os insensatos, copiemos, e seremos grandes! Deveríamos antes dizer: sejamos nós mesmos, sejamos o que somos, e só assim seremos alguma coisa.”<sup>59</sup>

A imagem de Eduardo Prado para Capistrano seria a de um exemplo de intelectual, devido ao rígido código de moral que seguia e a capacidade de pensar com a sua tradição. Ele não teria sucumbido à sedução de valores

---

<sup>57</sup> *Idem*, p. 59.

<sup>58</sup> *Idem*, p. 138.

<sup>59</sup> *Idem*, p. 234.

estrangeiros, pecado mortal que a grande série de intelectuais – como Nabuco e Rui Barbosa – teriam cometido. O conjunto de atitudes políticas do autor de *Minha Formação* tinha como objetivo a submissão política do Brasil aos Estados Unidos, reatualizando um vício secular que teríamos herdado de Portugal. Ele seria a expressão do inautêntico, a cópia que simplesmente seguiria um modelo. Como dirá em carta a Domício Gama:

Em diplomacia somos associados, não somos aliados; temos de formar ao lado dos Estados Unidos, entregar nosso voto a Wilson. Não creio na amizade dos Estados Unidos, filho espúrio de Salvador de Mendonça, criado e chocado pelo Barão, pelo Nabuco, por V.[ocê], talvez por Assis Brasil, que já tem a visão menos turva.<sup>60</sup>

Cabe, após esta carta, uma pequena pausa. Tanto nesta missiva agora citada como na anterior, os Estados Unidos assumem lugar central em uma série de ponderações. Cabe, então, uma análise mais detida, para que este ponto não seja considerado, unicamente, através da consideração e do afastamento de Nabuco e Capistrano.

Como aparece na carta anteriormente citada, “Um capítulo sobre os Estados Unidos é digno de toda atenção. Quanto ao abolicionismo acho uma decepção.” Examinando

---

<sup>60</sup>Carta de Capistrano para Domício Gama (11/11/1916). In: **Correspondência de Capistrano de Abreu**. v.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p 262.

este capítulo, pode-se compreender porque Capistrano, na missiva endereçada a João Lúcio Azevedo não o ataca imediatamente, mas diz que merece atenção. No capítulo “Influência dos Estados Unidos”, em *Minha Formação*, Nabuco, após considerar a procedência anglo-saxã dos americanos, iniciava um detalhamento acerca das diferenças, para ele gritantes, entre os dois países. Ao considerar as instituições inglesas como possuidoras de “mais dignidade, mais seriedade, mais respeitabilidade”, diz que a “organização americana oferece muito menos garantias de equidade e menor proteção do que a inglesa”. Assim, diz que individualmente o americano será o mais livre de todos os homens, mas como cidadão não possui garantias, por isso, afirma: “o cidadão vale menos nos Estados Unidos do que na Inglaterra”.<sup>61</sup>

Estas considerações levam até outro capítulo do livro. Em Bagehot, também lido e citado por Capistrano, na referida carta, ao analisar as chaves de sistema que caracterizam os principais ganhos de sua leitura, analisa que o equilíbrio entre partes “imponentes” e “eficientes” é a causa da calma do espírito nacional, o fato de caminharem sem perder o equilíbrio. A estabilidade é o que permite construir o argumento e o elogio à forma de governo inglesa. Sem querer aprofundar uma reflexão acerca dos capítulos citados, cabe considerar que, apesar das flagrantes diferenças – pelas

---

<sup>61</sup> NABUCO, Joaquim. **Minha Formação**. Brasília: UnB, 1981. p. 112.

quais são costumeiramente aproximados – tanto Nabuco como Capistrano mantêm como ponto de contato o elogio da estabilidade.

Isto leva a outro ponto. A constituição de um diálogo entre essas duas narrativas autobiográficas talvez possa servir para a caracterização de duas percepções sobre o modo de articulação de um *self* particular e a ordem social: a de Capistrano, referida a uma concepção de indivíduos auto-orientados e deliberativos e a de Nabuco sustentada em uma concepção de indivíduos mais suscetíveis à troca simbólica, experimentando, portanto, uma identidade menos “dura” e, por isso, mais compatível com experiências de reciprocidade e com a experiência da adaptabilidade.

52

A diferença entre esses modelos não consiste tanto na oposição entre uma ordem individualista e outra ordem hierárquica, mas sim na oposição entre duas formas, igualmente modernas, de resolução da articulação entre indivíduo e vida coletiva. Do contexto de suas respectivas elaborações autobiográficas, emerge da elaboração de Nabuco um personagem ideal-típico, o cavalheiro, com o qual condensa seu respectivo padrão de individuação, condicionado, a rigor, a um determinado padrão de relação afetiva com o mundo pautada na compaixão. Uma relação afetiva com o mundo, na qual a experiência do outro assume o sentido de um reencontro com uma parte alienada de si, sendo, por isso, um registro adaptativo, moldado,

plasticamente, às vicissitudes.<sup>62</sup> Nesse caso, o diálogo com Nabuco é fundamental, pois sua adaptabilidade permanente serve de contraponto a maneira como Capistrano constrói sua automodelagem.

Apesar de Nabuco possuir dignidade, faltava-lhe postura aos olhos de Abreu. Falta que aguçava a assimetria entre essência e forma justamente por esta plasticidade que lhe faz expandir a sua relação com o mundo. Esta experiência da adaptabilidade, que Maria Alice Rezende de Carvalho avalia em Joaquim Nabuco, expressa um contraste significativo com a escrita de si de Capistrano de Abreu, que investe, ao contrário, na imagem do intelectual acabado e diferenciado, tanto de um certo grupo de intelectuais quanto de atitudes políticas lembravam costumes do período colonial. O autor dos *Capítulos de História Colonial* tenderia, gradualmente, a manter o distanciamento de um cotidiano político turvo e caracterizado por uma semente de desagregação, reafirmando tanto em seus conselhos aos seus correspondentes, como em sua elaboração autobiográfica, uma estratégia de “automodelagem” em que sua postura é mobilizada como forma de não somente “obrar”, mas de manter-se fiel a sua busca por “obrar” segundo suas próprias convicções. Assim, esta postura, calcada na idéia de distanciamento do mundo, não vem atrelada a certa apatia

---

<sup>62</sup> CARVALHO, Maria Alice Rezende. **O Quinto Século**. André Rebouças e a construção do Brasil. Rio de Janeiro: Revan IUPERJ, 1998. p. 179.

diante da ordem objetiva, mas parece ser, para Abreu, quase condição fundamental para a amplificação da sua capacidade de observação política e conservação de sua singularidade.

Singularidade, tempo histórico e tradição são todos aliados da autenticidade. A pressuposição de que existe uma ordenação do passado capaz de dotar o mundo de significado cuja existência é sempre pressuposta pelos pensamentos ou ações do sujeito fundamenta esta aliança. Particularmente, este vínculo com a autenticidade, no caso do polígrafo Capistrano de Abreu, opta pela tradição enquanto elemento capaz de conferir legitimidade ao conjunto de escolhas no presente, tendo como horizonte comum a nação. Foi esta autenticidade que ampliou o contraste com outros intelectuais e tornou, desta maneira, sua “automodelagem” uma forma endereçada para o mundo, pautada na visão de mundo romântica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ABREU, João Capistrano de. **Correspondência de Capistrano de Abreu**. Organizado por José Honório Rodrigues. 2.ed. 3. vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

\_\_\_\_\_. **Capítulos de História Colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

\_\_\_\_\_. **Ensaio e Estudos** – 1º série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

\_\_\_\_\_. **Fases do Segundo Império. Estudo publicado n' O Jornal (02/12/1925)**. In: *Ensaio e Estudos* – 3º série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

AMED, Fernando. **As cartas de Capistrano de Abreu. Sociabilidade e vida literária na belle époque carioca**. São Paulo: Alameda, 2006.

ALONSO, Ângela. **Idéias em movimento. A geração de 1870 na crise do Brasil-Império.** Ed. Paz e Terra, 2002.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Ronda noturna: narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu.** In: *Revista Estudos Históricos*, v. 1, 1988.

BERRIEL, Carlos Eduardo. **Tietê, Tejo, Sena. A obra de Paulo Prado.** São Paulo: Papirus, 2000.

BUARQUE, Virgínia A. Castro. **Cartas do claustro. Trajetos.** In: *Revista de história da UFC dossiê: Capistrano de Abreu.* Ceará, v.3, n 5, 2004.

\_\_\_\_\_. **Escrita Singular.** Capistrano de Abreu e Madre Maria José. Museu do Ceará. Coleção Outras Histórias. n. 20, 1993.

CARVALHO, Maria Alice Rezende. **O quinto século. André Rebouças e a construção do Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Revan/IUPERJ, 1998.

GADAMER, Hans-George. **Verdade e método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica.** Petrópolis: Vozes, 1995.

GOETHE, Joham Wolfgham Von. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. 2. ed. São Paulo: Ensaio, 1994.

GOLDMAN, Harvey. **Politics, death and the devil: self and power in Max Weber and Thomas Mann**. University of California Press, 1992.

GOMES, Ângela de Castro. **Através do Brasil: o território e o seu povo**. In: PANDOLFI, Dulce Chaves; ALBERTI, Verena (Orgs.). *A república no Brasil*. Nova Fronteira, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo. **Autenticidade, memória e Ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1988.

GREENBLATT, Stephen. **Renaissance self-fashioning**. From More to Shakespeare. Chicago & London, 1980.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **1926. Vivendo no limite do tempo**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

HARDMAN, Francisco Foot. **Antigos modernistas**. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. **Brutalidade antiga: sobre história e ruína em Euclides.** Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/iea/revista/>> Acesso em 1º mar. 2007.

\_\_\_\_\_. **Trem fantasma: modernidade na selva.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LUKACS, Georg. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister** (1936). In: GOETHE, Joham Wolfgang Von. *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*. 2. ed. São Paulo: Ensaio, 1994.

58

LÖWY, Michel. **Revolta e melancolia: romantismo na contramão da modernidade.** Petrópolis: Vozes, 1995.

MATTOS, Ilmar Rohloff. **Do império à República. Estudos Históricos**, Rio de Janeiro v. 2, n.4, 1989.

NABUCO, Joaquim. **Minha formação.** Brasília: UnB, 1981.

PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

PEREIRA, Daniel Mesquita. **Descobrimientos de Capistrano: a história do Brasil “a grandes traços e largas malhas”.**

Rio de Janeiro: PUC, 2002. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2002.

PRADO, Eduardo. **A ilusão americana**. 5.ed. São Paulo: IBRASA, 1980.

RENAN, Ernst. **O que é uma Nação**. In: ROUANET, Maria Helena (Org.). *Nacionalidade em questão*. Caderno de Pós-Letras, UERJ, Rio de Janeiro, 1994.

RICOUER, Paul. **La Mémoire, l'Histoire, l'Oubli**. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

RINGER, Fritz K. **O declínio dos mandarins alemães**. São Paulo: Edusp, 2000.

SIMMEL, George. Subjective Culture. In: **On Individuality and Social Forms**. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.

TRILLING, Lionel. **Sincerity and Autenticity**. Cambridge: Harvard University Press, 1971.